



1. Le Corbusier, *Urbanisme*, 1925: Parque Monceau.

INTRODUÇÃO

A historiografia contemporânea tem entendido de forma limitada o espaço urbano proposto por Le Corbusier. Esta constatação prende-se sobretudo com a intenção do arquitecto de conceber a cidade moderna como um parque¹, patente na sua afirmação de que “a cidade de amanhã pode viver totalmente no meio do verde”².

Salvo raras excepções (como veremos), a historiografia arquitectónica contemporânea limitou-se a interpretar a ideia de *cidade verde* fazendo referência apenas ao facto de Le Corbusier propor uma forma de repartir os edifícios na cidade separados entre si por “zonas verdes”, como se estes espaços fossem fragmentos inarticulados e sem nenhum valor arquitectónico. Deste modo, o modelo urbano de Le Corbusier é visto como um processo de criar cidade em que se valoriza o edifício – o *objecto* – em detrimento do *espaço exterior* que se supõe amorfo, ilimitado e pretensamente naturalista. É isto que defende, entre outros autores, Colin Rowe³.

Todas estas visões são redutoras e não entendem o modelo urbano de Le Corbusier em toda a sua amplitude – desde a escala dos loteamentos até à escala da própria cidade. Não consideram o verdadeiro conceito de espaço urbano que o arquitecto criou.

A importância do “verde” nesse conceito torna-se evidente considerando, designadamente, o modo como Le Corbusier vincula *ao espaço do parque* o entendimento do espaço exterior da proposta teórica de cidade *Ville Contemporaine*, de 1922, e dos seus protótipos urbanos. De modo deliberado, deixa-o manifesto no livro *Urbanisme, em 1925*, quando escreve sob a imagem do Parc Monceau (fig. 1) a seguinte nota:

Isto não é em Chantilly, nem em Rambouillet, mas em Paris, parque Monceau. Eis o objectivo nitidamente fixado: a cidade de amanhã pode viver totalmente no meio do verde. Falta a Nova York ter erigido os seus arranha-céus no meio do parque Monceau. Utopia? Aceitamos a aposta!⁴

¹ Já defendemos esta perspectiva numa investigação anterior, designada *O espaço “aberto” moderno. Duas perspectivas diferentes na obra de Le Corbusier*, no âmbito das Provas de Aptidão Científica e Capacidade Pedagógica na Universidade do Minho. Mais concretamente, ela é defendida no capítulo “Habitar no contexto de um parque: formulação de uma ideia.” CARLOS, Rute, *O espaço “aberto” moderno: duas perspectivas diferentes na obra de Le Corbusier*, (não publicado), 2005, pp. 28-41.

² “[...] la ville de demain peut vivre *totalement* au milieu des verdurees.” LE CORBUSIER, *Urbanisme*, Paris: Crès, 1925, p. 73.

³ Sobre este assunto ver “A interpretação do espaço “aberto” moderno segundo Colin Rowe: a crise do objecto por dificuldades de textura”, em CARLOS, Rute, *O espaço “aberto” moderno: duas perspectivas diferentes na obra de Le Corbusier*, pp. 8-16.

⁴ “Ceci n’est ni à Chantilly, ni à Rambouillet, mais à Paris, parc Monceau. Et voilà le but nettement fixé : la ville de demain peut vivre *totalement* au milieu des verdurees. Il manque à New-York de n’avoir pas érigé ses gratte-ciel au milieu du parc Monceau. Utopie ? Acceptons la gageure !” LE CORBUSIER, *Urbanisme*, p.73.



2. Le Corbusier, *Œuvre complète 1934-38, 1938* : maqueta de um fragmento da *Ville Verte*, 1935.

Este manifesto de 1925, do qual se depreende claramente o significado a dar ao espaço da cidade, raramente foi tido em consideração, apesar de constituir uma chave fundamental para o entendimento das propostas do arquitecto e para a compreensão do verdadeiro significado que as caracterizou: o desígnio de que o espaço da cidade contemporânea fosse concebido como um parque, como o Parque Monceau.

Outra chave para entender a importância do “verde” no pensamento de Le Corbusier é, na nossa opinião, o facto de, para o arquitecto, a ideia de *habitar no contexto do parque* ser, não só objecto de manifesto, mas também um estímulo – patente no facto de se ter transformado num tema de investigação transversal a grande parte da sua obra e inseparável da lógica da concepção das suas cidades. É o que se verifica em todo o sistema urbano (relação edifício/vias/espaço público) e na concepção global (organização estruturante da cidade) das duas “cidades ideais” que propôs: a *Ville Contemporaine*, de 1922, e a *Ville Radieuse*, de 1930. De acordo com as próprias palavras de Le Corbusier, o resultado global destas suas investigações resume-se, precisamente, na conversão da cidade numa *cidade verde*.

A partir da década de 30, o conceito de *cidade verde* passou a estar presente na obra do arquitecto como um princípio de concepção, a todas as escalas de intervenção. Cidade e parque passaram a ser entidades indissociáveis. A propósito do quarteirão residencial da *Ville Radieuse*, Le Corbusier afirmou que “a cidade tornou-se uma cidade-verde”⁵ (fig. 2). Foi também nesta altura que a ideia de “verde” passou a englobar os jardins da cobertura, assim entendidos como elementos constituintes da cidade.

Esta interdependência entre cidade e parque – levada ao ponto em que se tornam indissociáveis – está na base, quer da definição do *objecto de estudo* da investigação que levámos a cabo, quer da *estrutura* da dissertação que aqui apresentamos, patente no seu índice. Iremos tratar a seguir destes dois aspectos.

O OBJECTO DE ESTUDO

A ideia de *cidade verde* foi sendo desenvolvida, com base num conjunto de princípios gerais do traçado que se mantiveram, ao longo de várias propostas de Le Corbusier. Julgamos que devem ser considerados sobretudo os seguintes projectos:

1. as *Rues à redents* (“ruas em reentrâncias”), a proposta publicada em *L'Esprit nouveau*, em 1921;

⁵“La ville est devenue une ville-verte.” LE CORBUSIER ET JEANNERET, Pierre, *Œuvre complète 1934-1938*, Publié par Max Bill, Zürich: Girsberger, 1938, p. 33.

2. os *Lotissements à redents* (“Loteamentos em reentrâncias”), a proposta parcial de carácter residencial, vinculada ao modelo teórico *Ville Contemporaine*, de 1922;
3. os *Lotissements à redents pour quartiers de résidence* (“Loteamentos em reentrâncias para quarteirões residenciais”), a proposta desenvolvida no âmbito do *Plan Voisin*, para Paris, em 1925;
4. a *Ville Verte* (“Cidade Verde”), a proposta parcial de carácter residencial, vinculada ao modelo teórico *Ville Radieuse*, de 1930.

Este último projecto – a *Ville Verte* – constitui a síntese de todas as propostas apresentadas por Le Corbusier desde 1920. Nele se consuma definitivamente a relação de interdependência entre cidade e parque que temos vindo a referir. É por este motivo que, no âmbito desta dissertação, não se irá dar igual importância a todos estes projectos de Le Corbusier. O seu centro temático será a designada *Ville Verte* – o quarteirão residencial da *Ville Radieuse* – cuja formulação tem início em 1930 e se desenvolve até 1939.

Como se irá defender, é na *Ville Verte* que a cidade deixa de ser pensada e traçada a partir da consideração do binómio rua-edifício – o método tradicional de conformar cidade – e passa a ser pensada e traçada a partir da consideração do novo binómio edifício-parque. Isto reflectiu-se de modo evidente na forma como Le Corbusier reequacionou, tanto os edifícios, como todo o sistema de acessibilidades, de forma a que o parque adquirisse este novo protagonismo como constituinte fundamental da cidade. A ideia genérica de *cidade verde*, desenvolvida desde 1921, encontrou assim a sua concretização mais plena, patente no facto de Le Corbusier ter adoptado a própria expressão *Ville Verte* para a intitular.

Por outro lado, é no projecto da *Ville Verte* que os princípios de concepção da cidade que foram sendo enunciados por Le Corbusier nos manifestos e projectos anteriores chegaram à sua versão final e adquiriram, inclusive, uma maior nitidez enquanto princípios propriamente ditos. Verifica-se, nomeadamente, que os vários constituintes do modelo (traçado do *redent*, circulações, o parque, prolongamentos da habitação, coberturas-jardim, etc.) são identificados de um modo sistemático e definitivamente esclarecidos através da sua concretização.

Apesar de a *Ville Verte* constituir o centro temático da dissertação, os outros projectos também serão referidos e, em parte, analisados. Eles serão considerados *antecedentes*

deste modelo considerado definitivo. Assim, eles serão evocados na medida em que permitirem um melhor entendimento (conceptual e historiográfico) da *Ville Verte*, na sua especificidade.

Para além destas questões relativas à evolução das propostas de Le Corbusier *ao longo do tempo* – e, nesse sentido, ao facto de a *Ville Verte* constituir o culminar da investigação de Le Corbusier sobre a relação entre cidade e parque – há outros aspectos que justificam que ela seja adoptada como tema central da investigação. Referimo-nos a dois aspectos que têm a ver com a própria natureza do projecto da *Ville Verte*: a escala a que, nele, a cidade é considerada; e a relação particular – de *interdependência* – que, nele, se verifica entre o parque e os restantes constituintes do sistema urbano.

A *Ville Verte* não é o projecto de uma cidade. Faz parte do projecto de uma cidade – a *Ville Radieuse*. No projecto global da *Ville Radieuse*, os vários sectores (administrativo, cultural, industrial e residencial) são articulados criando-se áreas distintas e hierarquias. A *Ville Verte* é a proposta de Le Corbusier para toda a superfície residencial. Constitui a principal mancha de ocupação do território (a matéria essencial de constituição da cidade moderna é a habitação) e é projectada precisamente como “amostra” de malha urbana indefinidamente repetível. Neste sentido, o projecto da *Ville Verte* incide sobre uma escala intermédia entre, num extremo, a escala dos constituintes mais elementares da cidade – as células de habitação – e, no outro extremo, a escala da cidade no seu todo – a estrutura da *Ville Radieuse*. À escala das células, o parque é uma referência exterior. À escala da estrutura global da cidade, o parque é reduzido à mancha contínua que liga todos os seus constituintes. É à escala intermédia – a escala da *Ville Verte* – que é definida *ao nível do desenho urbano* a relação entre o parque, o edificado e as vias. É, aliás, com este fim que Le Corbusier usa sempre esta escala de abordagem para explicar os seus modelos de cidade. Usa-a: na proposta das *Rues à redents*, ainda sem enquadramento numa estrutura global de cidade; nos *Lotissements à redents* no âmbito do projecto da *Ville Contemporaine*; nos *Lotissements à redents pour quartiers de résidence* no âmbito da sua aplicação a Paris, no *Plan Voisins*, e, por fim, na *Ville Verte* no âmbito da *Ville Radieuse*.

Sendo esta escala intermédia aquela que irá estar no centro da dissertação, as outras escalas – a escala da célula e a escala da estrutura global da cidade – apenas serão referidas na medida em que sejam necessárias para esclarecer aspectos dessa escala intermédia.

No que respeita à interdependência entre o parque e os restantes constituintes do sistema urbano – que também justifica a adopção da *Ville Verte* como tema central da

dissertação – gostaríamos de tecer algumas considerações sobre o processo de investigação que desenvolvemos e sobre as conclusões a que ele foi conduzindo.

À partida, a investigação que levámos a cabo tinha como tema o próprio parque: a sua integração no traçado geral, o seu programa e o seu desenho – a “planta de solo” da cidade. Das três entidades que constituem o sistema urbano no seu todo – o edificado, o viário e o parque – este último foi aquele sobre o qual Le Corbusier menos falou. O arquitecto foi claro a definir a sua importância na estrutura urbana e apresentava desenhos que o representavam, mas nunca se dedicou a esclarecer quais os princípios da sua concepção, na base dos desenhos. Face a esta situação, o objectivo da investigação começou por ser desvendar estes aspectos relativos especificamente ao parque, devolvendo-lhe um valor *autónomo*.

Com o decorrer dos trabalhos, este objectivo veio a revelar-se desadequado ao pensamento do próprio arquitecto. O parque continuou a ser o tema central da investigação, interessando, como previsto, a sua integração no traçado geral, o seu programa e o seu desenho – a “planta de solo”. No entanto, o parque revelou-se indissociável dos outros dois componentes dos modelos urbanos (o edificado e as vias) – facto que se torna claro precisamente na *Ville Verte*. Neste modelo, que constitui o culminar da investigação de Le Corbusier, verificam-se dois fenómenos. Por um lado, o parque é desenhado como base para todo o sistema urbano. É o parque que determina a organização geral do território na qual participam os restantes componentes do sistema urbano (o edificado e as vias). Por outro lado, estes componentes do sistema urbano são afinados no sentido de se integrarem na lógica do parque. Os três componentes conformam, no seu conjunto, um *sistema indivisível*. Torna-se assim evidente que, ao contrário do que é habitual dizer-se, o espaço verde não é uma mera *base* sobre a qual “pousam” os vários constituintes da cidade.

Face a esta circunstância, o estudo do parque como entidade autónoma revelou-se inadequado. O parque não pode ser estudado sem o entendimento do sistema urbano de que faz parte. Só à luz desse sistema, é possível analisá-lo e compreendê-lo. Este facto será demonstrado ao longo da dissertação. Ele é, aliás, uma das principais conclusões a que conduziu a investigação que levámos a cabo.

MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

A perspectiva sobre a *Ville Verte* que construímos nesta dissertação assentou sobretudo na análise dos desenhos produzidos por Le Corbusier para a conceber e para a ilustrar.

Na medida em que a nossa perspectiva sobre este tema é centrada no parque (enquanto parte de um sistema) e também na medida em que, dos três constituintes da cidade (edifícios, ruas e parque), este último é precisamente o menos tratado na bibliografia existente, a investigação teve início na análise dos desenhos originais (apoiada por alguns textos) do próprio arquitecto. Neste sentido, tentámos refazer a evolução do projecto, desenho a desenho, identificando o que se condensou em cada decisão, as possibilidades que foram privilegiadas e as que foram abandonadas, de modo a reconstituir o argumento na base da sua coesão. Comparando as soluções a que Le Corbusier chegou com os desenhos prévios, foi-nos possível entender quais as questões que o arquitecto colocava e que o guiaram.

Le Corbusier é um arquitecto cujo método de trabalho era particularmente propício a este método de investigação. Os seus projectos foram o resultado de uma sucessão de tentativas e deduções detalhadamente estudadas em desenhos – desenhos que foram conservados pelo arquitecto e, agora, pela Fondation Le Corbusier. Assim, por trás das formas dos projectos – que se tornaram ícones da história da arquitectura sobretudo através das imagens que o arquitecto optou por publicar – encontravam-se esboços embrionários e versões intermédias dos projectos que, não tendo sido publicados, testemunham *explicita e detalhadamente* a evolução do seu pensamento.

Como veremos, dada a natureza heterogénea dos desenhos e a falta de datação de muitos deles, nem sempre a sua localização sequencial é segura. Aquilo que, em alguns casos, vamos propor são hipóteses de seqüências baseadas na reconstituição do seu percurso de pensamento.

Para isto, foram fundamentais as publicações de Le Corbusier. Tanto os desenhos publicados, como os textos nos quais o arquitecto foi construindo o seu pensamento, constituíram pistas fundamentais para entender o material que permaneceu apenas em arquivo. Este conjunto de dados foi ainda cruzado com dados fornecidos por outros investigadores que escreveram, quer sobre as obras, quer sobre *parte* do material de arquivo analisado. Daremos notícia dessas fontes secundárias, progressivamente, à medida que elas forem utilizadas para a construção do argumento da dissertação.

Por fim, recorreremos ao re-desenho de alguns dos desenhos de Le Corbusier. Sujeitando-os a um olhar especificamente focado nos aspectos tratados na dissertação, criámos novas imagens que pretendemos clarificadoras. Na maioria das vezes, para redesenhar os desenhos de Le Corbusier, adoptámos um sistema de representação semelhante ao do próprio arquitecto – sistema que será tornado explícito na segunda parte da dissertação, mas que serviu

de base para a elaboração de todos os “re-desenhos”. No essencial, trata-se de um sistema que passa pela separação dos vários constituintes do projecto em “layers”, à semelhança do que se faz agora num vulgar desenho assistido por computador.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação é constituída por duas partes. Uma primeira, com carácter introdutório, é sobre os antecedentes da *Ville Verte*. A segunda é sobre o próprio modelo da *Ville Verte* que, constituindo o centro temático da investigação, será analisado em detalhe.

Na primeira parte, traça-se uma narrativa da investigação desenvolvida por Le Corbusier especificamente em torno da relação entre “verde” e cidade (a concepção dos espaços verdes, a sua inserção no contexto urbano e a possibilidade de eles servirem de base a novas propostas de cidade). Esta narrativa tem início com o estudo que Le Corbusier desenvolveu entre 1910 e 1915 em torno do tema dos jardins e dos parques, no âmbito da investigação que, supostamente, o teria levado a publicar o livro *La Construction des Villes* (A construção das cidades), nunca publicado.

Fundamental para a investigação de Le Corbusier foi o seu contacto com a obra de Eugène Hénard. A obra de Hénard teve uma grande influência, não apenas no pensamento, mas também nas primeiras proposições urbanas de Le Corbusier. Duas propostas de Hénard tiveram uma importância particular: o *Boulevard a Redans* e a *Rue Future*. O *Boulevard a Redans* pode ser considerado antecedente directo da *Rue à redents* de Le Corbusier e da sua evolução até aos *Lotissements à redents*. Por seu turno, a *Rue Future* pode ser considerada antecedente das *Villes-pilotis* e da sua evolução até aos *Lotissements fermés à alvéoles*, projecto no qual é proposto o tipo de edifício designado *Immeuble-Villas*.

A presente dissertação desenvolve-se basicamente em torno da investigação do traçado “à redents” – tema que se prolonga em toda a segunda parte. Ela constitui o principal eixo de desenvolvimento dos projectos de Le Corbusier que conduz à *Ville Verte*. É o tipo de traçado urbano “à redents” que determina o desfasamento dos alinhamentos do edificado, face ao traçado das vias, criando espaços contínuos em reentrâncias onde se situam os espaços verdes, tratados e arrançados como parques. Verifica-se a existência desse fio condutor tipológico que progressivamente passa pelas propostas *Rues à redents* (1921), *Lotissements à redents* (1922), *Lotissements à redents pour quartiers de residence* (1925), até à chegada à *Ville Verte* (1930-39).

O segundo eixo diz respeito à investigação em torno do binómio rua/casa e, mais concretamente, em torno dos sistemas de circulações de infra-estruturas: da rua, da casa e da articulação entre ambas. Este conjunto de temas, directamente relacionado com a evolução tecnológica, alargar-se-á ainda, à consideração das coberturas dos edifícios. Todos eles viriam a ser incorporados no progressivo desenvolvimento da *Ville Verte*. No que se refere a este segundo eixo, iremos considerar a linha de investigação que passa pelas *Villas-pilotis* (1915) e, depois, pelas duas versões dos *Lotissements fermés* (1922 e 1925).

A segunda parte da dissertação é centrada na *Ville Verte* propriamente dita. Desenvolve-se a partir do conjunto de documentos – desenhos de investigação, desenhos de apresentação e textos – que Le Corbusier produziu entre 1930 e 1939. Procede-se a um trabalho de reconstituição do processo de investigação levado a cabo por Le Corbusier, articulando conceptual e historicamente, estes três tipos de fontes.

O índice desta segunda parte da dissertação reproduz a abordagem metodológica que conduz ao sistema urbano da *Ville Verte*. Os temas tratados são os próprios temas aos quais Le Corbusier dedicou os desenhos que produziu. Cada desenho (ou conjunto de desenhos) reflecte-se num tema. O índice dos desenhos produzidos por Le Corbusier é adoptado como índice do texto de análise.

Em suma, a diferença entre a primeira e a segunda parte diz respeito ao objecto de análise historiográfica. Na primeira, considera-se a história do conjunto de experiências e estudos realizados por Le Corbusier que lhe permitirão chegar à síntese *Ville Verte*. Constrói-se a narrativa que antecedeu a chegada ao modelo. Na segunda, considera-se a história da concepção do projecto da *Ville Verte* em si mesma.

A dissertação será desenvolvida no sentido de concluir sobre a natureza sistémica do modelo da *Ville Verte*. Defenderemos que a *Ville Verte* é mais um *sistema de projecto* do que um *projecto*. Ao conceber a *Ville Verte*, Le Corbusier propôs um modo de articular os vários constituintes de um projecto (neste caso, os constituintes de um modelo urbano) que pode ser aplicado aos constituintes de qualquer tipo de projecto. É com este sistema que Le Corbusier propõe uma inter-relação particular entre vias, edificado e parque – uma inter-relação aplicável a qualquer programa e a qualquer escala de intervenção. Defenderemos que ele constitui uma chave de leitura para muitos dos projectos de Le Corbusier, desde a casa unifamiliar até à cidade. Entendido desta forma, o sistema proposto por Le Corbusier pode, naturalmente, ser adoptado por qualquer arquitecto como metodologia de concepção do projecto.

Por fim, é neste contexto que o parque – móbil da investigação que desenvolvemos – pode ser considerado. Defenderemos que este sistema proposto por Le Corbusier, ao garantir à partida um modelo de inter-relação entre os vários constituintes do projecto, permite que cada um desses constituintes seja tratado de modo autónomo. Se o parque não pode ser considerado de modo autónomo, sem que se entenda o seu papel fundamental no sistema, a partir do momento em que se considera esse parque no âmbito do sistema que o enquadra, ele pode adquirir uma outra autonomia – a autonomia particular que lhe é atribuída pelo próprio sistema. O parque não é autónomo *em relação ao* sistema. É autónomo *dentro do* sistema.

I PARTE. O PERCURSO DE LE CORBUSIER ATÉ AO PROJECTO DA *VILLE VERTE*

Como afirmámos na introdução, a primeira parte da dissertação é sobre o percurso de Le Corbusier até ao projecto da *Ville Verte*.

Este percurso teve várias vertentes. Essencialmente, Le Corbusier estudou, escreveu e projectou. A nossa análise incidirá, portanto, sobre materiais diversos. Iremos considerar: os estudos que Le Corbusier desenvolveu sobre obras de outros autores; os sucessivos textos que Le Corbusier publicou entre 1921 e 1925, quer para lançar discussão sobre a cidade e os seus constituintes, quer para sustentar teoricamente os seus próprios projectos; as sínteses que foi produzindo sobre a forma de projectos.

Para considerar este percurso, iremos interpretá-lo como uma sequência temporal. Começaremos pelo período entre 1910 e 1915, no qual Le Corbusier desenvolveu a investigação que o teria conduzido à concepção do livro *La Construction des Villes*. Foi no âmbito desta investigação, centrada no que designou como os “elementos constituintes” da cidade⁶, que Le Corbusier aprofundou os seus conhecimentos sobre o tema dos jardins e dos parques, deu uma importância particular ao estudo da evolução de Paris e, desse modo, tomou contacto com a obra de Hénard. O estudo da obra de Hénard por Le Corbusier é referido por alguns autores como uma influência determinante (entre outros aspectos, para o traçado *à redents*). O que propomos é, no entanto, fazer uma análise mais precisa desse estudo – objectivo que pode ser cumprido através da observação detalhada dos registos que o futuro arquitecto produziu no âmbito do estudo para *La Construction des Villes*. Iremos identificar quais os artigos de Hénard que estudou (dos quais se destaca a importância de dois) e, partindo da leitura desses artigos, identificar também o modo como eles foram interpretados e apropriados por ele na época. Isto permitir-nos-á construir uma perspectiva *detalhada* (com uma base documental) sobre a influência da obra de Hénard nas primeiras propostas urbanas de Le Corbusier, através, não apenas do estudo dos projectos do arquitecto parisiense, mas também da *interpretação dos seus artigos*. Analisaremos, para isso, os registos efectuados por Le Corbusier que se encontram na Fondation Le Corbusier (FLC), no arquivo B2-20, relativo à pesquisa para *La Construction des Villes*.

⁶ Le Corbusier utilizou a expressão “Eléments constitutifs” em 1910, tendo-a completado em 1915 quando passou a utilizar “Eléments constitutifs de la ville”. Ver: EMERY, Marc E. Albert, “Les premières réflexions de Le Corbusier sur l’urbanisme : La Construction des Villes”, em *Le Corbusier, une encyclopédie*, Paris : Ed. du Centre Pompidou, 1987, pp. 28-29. Na tradução para português, optámos por “elementos constituintes”, e não “elementos constitutivos”, porque o adjetivo “constituente” tem um *sentido mais imediato* para designar um “elemento que faz parte de uma entidade, integrando a sua composição”.

1. A PESQUISA DE LE CORBUSIER PARA O LIVRO *LA CONSTRUCTION DES VILLES*. 1910-1915

Charles Edouard Jeanneret, então estudante e ainda não auto-denominado “Le Corbusier”, pretende publicar este livro, enumerando nele todos os constituintes da cidade. A investigação teve início em Munique e em Berlim, entre 1910 e 1911, e prolongou-se até aos três meses que passou na Bibliothèque Nationale de Paris, entre Julho e Setembro de 1915.

O livro nunca foi publicado.

Em 1961, em *Le Corbusier lui-même*, Jean Petit foi o primeiro a referir-se à realização por Le Corbusier de uma pesquisa sobre a cidade, escrevendo:

Em Munique, ele realiza um longo estudo sobre “A Cidade”, em parte destruído posteriormente, que, tomando La Chaux-de-Fonds como exemplo, coloca o problema das cidades de hoje e enuncia uma certa número de meios, tratamentos e novas iniciativas em matéria de urbanismo.⁷

Posteriormente, em 1967, Petit deu notícia de que Le Corbusier se teria referido ao resultado dessa sua pesquisa, que tivera tido a intenção de publicar, nos seguintes termos:

Em 1910. Escrevi um livro um pouco idiota sobre o urbanismo que não chegou a ver a luz do dia. Mas investiguei sobre os aspectos do problema.⁸

Os documentos que haviam resultado da investigação foram localizados em Chaux-de-Fonds, terra natal de Le Corbusier, e foram estudados por Allen Brooks que, em 1982, publicou o artigo “Jeanneret and Sitte: Earliest Ideas on Urban Design”⁹.

Em 1987, partindo da investigação de Brooks, Marc Emery publicou “Les premières réflexions de Le Corbusier sur l’urbanisme: La Construction des Villes”¹⁰ – artigo que precedeu a sua iniciativa de compilar parte dos manuscritos de Le Corbusier e reconstituir o livro *La Construction des Villes*. Publicou assim, em 1992, *La Construction des Villes. Genève et*

⁷ “A Munich, il réalise une longue étude sur “La Ville”, détruite en partie par la suite, qui prenant pour exemple La Chaux-de-Fonds, pose le problème des villes d’aujourd’hui et énonce un certain nombre de moyens, de remèdes et d’initiatives nouvelles en matière d’urbanisme.” PETIT, Jean, *Le Corbusier lui-même*, Genève : Édition Rousseau, 1970, p. 38.

⁸ “En 1910. J’ai écrit un livre un peu idiot sur l’urbanisme que ne vit jamais le jour. Mais j’avais inspecté les abords du problème.” Citação de Le Corbusier em PETIT, Jean, *Le Corbusier parle*, Paris : Éditions Forces Vives, 1967.

⁹ BROOKS, Allen, “Jeanneret and Sitte: Earliest Ideas on Urban Design”, em Helen Seering (ed.), *In Search of Modern Architecture: A Tribute to Henry Russel Hitchcock*, New York: The Architectural History Foundation, 1982, pp. 287-299.

¹⁰ EMERY, Marc Albert, “Les premières réflexions de Le Corbusier sur l’urbanisme : La Construction des Villes”, em *Le Corbusier, une encyclopédie*, Paris: Ed. du Centre Pompidou, 1987.

*devenir d'un ouvrage écrit de 1910 à 1915 et laissé inachevé*¹¹. Emery interpretou a evolução do plano de escrita do livro entre 1910 e 1915. Publicou os textos de 1910 *abandonados* em 1915, e os textos de 1910 *conservados* em 1915 (em ambos os casos, apenas fragmentos do que teria vindo a ser o livro). Publicou ainda a lista “definitiva”, que Le Corbusier sintetizara em 1915, dos conteúdos que o livro deveria vir a conter.

Contudo, o estudo mais exaustivo e conclusivo pode ser atribuído a Christopher Schnoor – um estudo que incidiu apenas sobre o período entre 1910 e 1911. No âmbito do seu doutoramento, Schnoor centrou-se na investigação desenvolvida por Le Corbusier na Alemanha e publicou, em 2008, *La Construction des villes: Le Corbusier's erstes städtebauliches Traktat von 1910/1911*¹². A importância deste livro de Schnoor diz respeito, não apenas ao facto de dar notícia de textos produzidos por Le Corbusier para o seu livro, como de todos os apontamentos (textos, fichas de leitura, desenhos, etc.) que testemunham a investigação – ainda que apenas no que respeita ao “período alemão”.

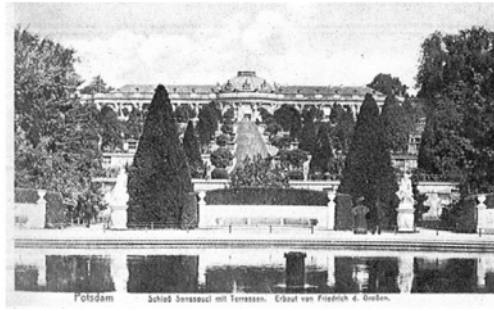
Para a nossa investigação, este facto revelou-se da maior importância. Os testemunhos do que Le Corbusier estudou revelaram-se tão fundamentais como aquilo que de facto chegou a escrever.

De uma perspectiva temática, a importância da investigação desenvolvida por Le Corbusier com vista à concepção do livro *La Construction des Villes* diz sobretudo respeito à definição do “verde” (jardins e parques) como um dos “elementos constituintes” da cidade – perspectiva enunciada neste livro e tema central da nossa dissertação.

Para proceder a um reconhecimento do modo como *o verde como elemento constituinte da cidade* tem vindo a ser tratado por investigadores, devem considerar-se dois temas: decompondo a própria designação em duas partes, um tema diz genericamente respeito à importância do “verde” no pensamento de Le Corbusier; outro diz respeito à definição de “elementos constituintes” da cidade.

¹¹ EMERY, Marc Albert, *La construction de villes. Genèse et devenir d'un ouvrage écrit de 1910 à 1915 et laissé inachevé par Charles Edouard Jeanneret-Gris dit Le Corbusier*, Héricourt: L'Age d'Homme, Fondation Le Corbusier, 1992.

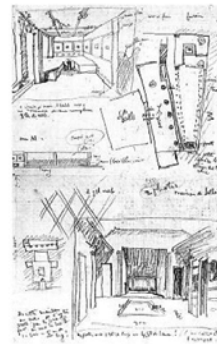
¹² SCHNOOR, Christopher, *La Construction des villes: Le Corbusier's erstes städtebauliches Traktat von 1910/11*, Zürich: GTA Verlag, 2008.



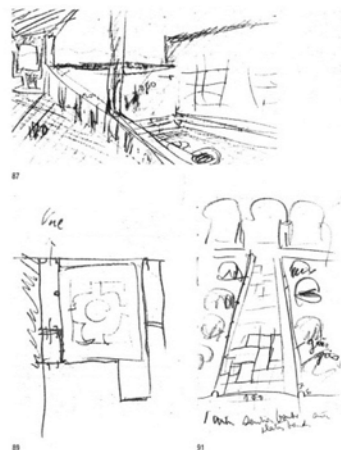
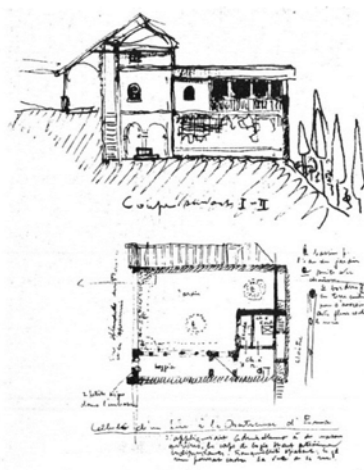
3. Le Corbusier, *Voyage d'Allemagne*, 1910: postal de Potsdam Sans Souci e aguarela datada de 5 Nov. 2010 (FLC 2857).



4. Le Corbusier, *Voyage d'Orient*, 1911: Pátio e pérgolas de uma casa em Kasahlak (FLC 6072).



5. Le Corbusier, *Voyage d'Orient*, 1911: fotografia do *Peristyllum* e *atrium* da casa de Salustio (FLC 5887).



6. Le Corbusier, *Voyage d'Orient*, 1911: jardim e claustro da Cartuxa de Ema, Galluzo (*Voyage d'Orient*, Carnet 6, pp.6-7, 11 e 13).

ESTADO DA ARTE: O “VERDE” NA OBRA DE LE CORBUSIER

São vários os autores que, ao longo das últimas três décadas, se têm vindo a referir à importância do “verde” na obra de Le Corbusier. Sobre este tema, começamos por destacar três publicações.

Em 1988, foi incluído no catálogo da exposição *Le Corbusier. Le passé à réaction poétique*, um texto de Claude Malécot intitulado “Les jardins”¹³. Neste texto, Malécot referiu-se à incidência sobre os jardins patente nos desenhos que Le Corbusier produzira, quer ao longo das suas viagens, quer no decurso da sua pesquisa na Bibliothèque Nationale de Paris em 1915.

Da viagem pela Alemanha em 1910¹⁴, salientou o desenho do parque de Potsdam Sans-Souci (fig. 3). Da *Voyage d’Orient* 1911¹⁵, faz referência ao modo como Le Corbusier desenhara as modestas pérgolas das casas Servias (fig. 4), os *peristilos* de Pompeia (fi. 5) e os jardins das celas monásticas do Mosteiro da Cartuxa de Ema (fig. 6). Refere-se ainda às inúmeras representações de Versailles, designadamente do Grande Trianon e dos parterres. Sublinha a importância que tem, para Le Corbusier, o elemento árvore, por exemplo quando se refere aos desenhos da cidade de Istambul. Por fim, não deixa de salientar o importante trabalho de investigação que Le Corbusier levou a cabo na Bibliothèque Nationale de Paris em 1915, na qual, a partir de gravuras e planos, estudou Paris e as suas *promenades*.

Foi a partir de Malécot que tomámos conhecimento de que, na Bibliothèque Nationale de Paris, Le Corbusier consultara: *Les jardins de France de l’origine à la fin du XVIII siècle* de Henri Stein (1913)¹⁶, *L’Art des Jardins* de Georges Riat (1910)¹⁷, e o tratado *La théorie et la pratique du jardinage...* de Antoine-Joseph Dezallier D’Argenville (1709)¹⁸, centrado no jardim clássico francês. Muito genericamente, Malécot referiu que Le Corbusier teria recolhido informação sobre jardins franceses, italianos, andaluzes, chineses ou japoneses, desenhando-os. Segundo Malécot,

Em 1915, parece que [Le Corbusier] tinha a intenção de constituir um verdadeiro vocabulário dos jardins clássicos analisando em detalhe gravuras dos séculos XVII e XVIII, a partir das quais estabelecia uma “terminologia”: vistas de Versailles e de

¹³ MALÉCOT, Claude, “Les jardins”, em AA.VV., *Le Corbusier, le passé à réaction poétique* [Catálogo da Exposição no Hôtel de Sully, Paris, de 9 de Dezembro de 1987 a 6 de Março de 1988], Paris: Caisse Nationale des Monuments historiques et des Sites/Ministère de la Culture et de la Communication, 1988, pp. 110-118.

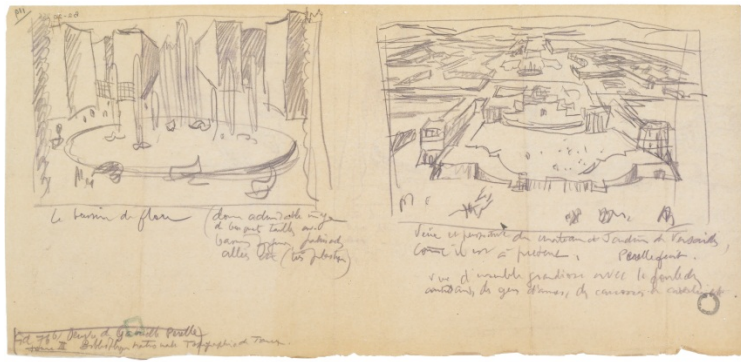
¹⁴ Os desenhos da viagem da Alemanha foram mais tarde publicados em LE CORBUSIER, *Les voyages d’Allemagne*, Milano: Electa ; Paris: Fondation Le Corbusier, 1994.

¹⁵ Ver LE CORBUSIER, *Voyage d’Orient: carnets*, 6 Vol., (ed. Giuliano Gresleri), Milano: Electa Architecture, Paris: Fondation Le Corbusier, 1987.

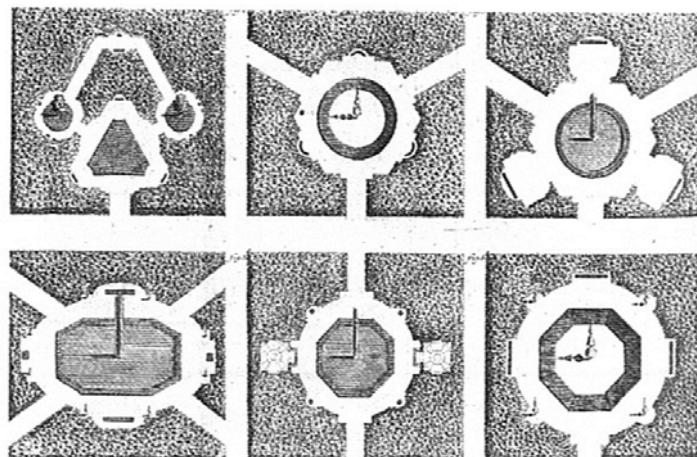
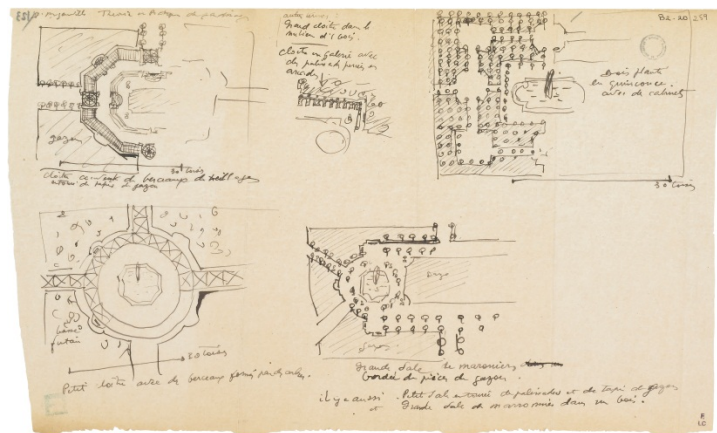
¹⁶ STEIN, Henri., *Les jardins en France, de l’origine à la fin du XVIIIème siècle*, Paris: D. A. Longuet, 1913.

¹⁷ RIAT, Georges, *L’Art des Jardins*, Paris: L. Henry May, 1900.

¹⁸ DEZALLIER D’ARGENVILLE, Antoine-Joseph, *La théorie et la pratique du jardinage où l’on traite à fond des beaux jardins appelés... “les jardins de propreté”*, Paris: J. Mariette, 1709.



7. B2-20-256: vistas do «Bassin de flore» e perspectiva do Castelo de Versailles, elaboradas por Le Corbusier na B.N.P., 1915, a partir de gravuras de Gabriel Perelle.



8. B2-20-259: “Bosquetes” reproduzidos por Le Corbusier na B. N. P., 1915 (1), a partir do livro de Dezallier D’Argenville, *La théorie et la pratique du jardinage...*, 1709 (2).

Paris, de Pérelle ou de Patte; e sobretudo o Tratado de Dézalier d'Argenville do qual comenta, de modo sistemático, uma dúzia de pranchas.¹⁹ [figs.7 e 8]

Em 2005, Josefina González publicou o artigo “Sésion continua: ‘Nómadas en el jardín’. Ville Contemporaine y Ville Radieuse”²⁰, onde, partindo da ideia de que Le Corbusier estudou os jardins (como acabamos de ver, já demonstrada por Malécot) avançou para uma inovadora leitura dos modelos urbanos de Le Corbusier feita à luz desse estudo, atribuindo-lhe uma nova importância a par com o estudo da arquitetura. González construiu uma narrativa da investigação de Le Corbusier sobre jardins que, do seu ponto de vista, se reflectiu na *Ville Contemporaine* e na *Ville Radieuse*. Ao construir a sua interpretação, González referiu-se a alguns princípios (relativos, designadamente, à importância da história e sobretudo das *lógicas de concepção* dos jardins francês e italiano, bem como do pensamento de Laugier como referências para Le Corbusier) que já haviam sido enunciados por outro autor: Dario Alvarez.

Apesar de Alvarez ter publicado o livro *El jardín en la arquitectura del siglo XX: naturaleza artificial en la cultura moderna*²¹ apenas em 2008, González referiu-se à sua tese de doutoramento, nunca publicada. Neste livro, Alvarez dedicou dois capítulos à relação das propostas de Le Corbusier com a história dos jardins: “Ciudades en el parque” e “Ciudad Verde”²².

Defendeu que a *Ville Contemporaine* partira de um sistema axial, com clara raiz *beaux-arts*, próximo, não só dos traçados da cidade barroca europeia do século XVIII, mas também dos modelos de jardim do século anterior como os de Le Nôtre (Vaux-le-Vicomte, Versailles ou Tuilleries). Fez alusão ao recurso simultâneo, por parte de Le Corbusier, a formas do jardim clássico francês e do jardim inglês. Do seu ponto de vista, Le Corbusier usou o traçado regular e axial do jardim francês à escala da estrutura geral da cidade e o traçado de inspiração paisagística (próximo dos parques norte americanos de Olmsted ou das propostas de Alphand para Paris) no âmbito estrito do grande parque e à escala do desenho parcelar dos loteamentos. Assim, Alvarez propôs como chave de leitura da composição das novas “cidades no parque” propostas por Le Corbusier a ideia de que estas foram conformadas através da “disposição regular do conjunto [clássica] e o desenvolvimento irregular das partes [pitorescas]” – uma ideia

¹⁹ “En 1915, il semble qu’il ait l’intention de se constituer un véritable vocabulaire des jardins classiques en analysant de près des gravures du XVII^{ème} et du XVIII^{ème} siècles à partir desquelles il établit une “terminologie”: vues de Versailles et de Paris de Pérelle ou de Patte; et surtout le *Traité de Dézalier d’Argenville* dont il commente systématiquement une douzaine de planches. ”. MALÉCOT, Claude, “Les jardins”, em AA.VV, *Le Corbusier, le passé à réaction poétique*, 1988, p. 110.

²⁰ GONZÁLEZ CUBERO, Josefina, “Sesión continua: ‘Nómadas en el jardín’. Ville Contemporaine y Ville Radieuse”, em *Massilia: 2004 bis: Le Corbusier y el Paisaje*. Sant Cugat del Vallès: Centre d’Investigacions Estètiques, 2005, pp. 70-95.

²¹ ÁLVAREZ, Dario, *El jardín en la arquitectura del siglo XX: naturaleza artificial en la cultura moderna*, Barcelona: Reverté, 2007.

²² *Ibidem* pp. 345-354 e pp.355-374.

cujos princípios de *caos* e *ordem* atribuiu às teorias de Abbe Laugier (autor citado pelo próprio Le Corbusier)²³.

A investigação que aqui propomos (que teve início na investigação que concluímos em 2005) é complementar à linha de pensamento destes autores.

ESTADO DA ARTE: A IDEIA DE “ELEMENTOS CONSTITUINTES” DA CIDADE

O segundo tema de investigação que deve ser considerado para compreender o modo como Le Corbusier estruturou o seu pensamento em torno do tema do “verde” na cidade diz respeito, tal como dissemos, à elaboração do livro *La Construction des Villes* e, mais especificamente, à ideia de “elementos constituintes” da cidade que, nele, pretendia lançar pela primeira vez.

Como afirmámos, em *La Construction des Villes* Emery deu notícia dos vários índices que Le Corbusier elaborara para o seu livro entre 1910 e 1915. Todos esses índices obedeciam a uma estrutura comum.

Depois de algumas considerações gerais sobre a necessidade do desenho urbano e sobre as questões nele implicadas, Le Corbusier pretendia enumerar quais os elementos constituintes da cidade – os elementos da “construção das cidades”²⁴ – e, a propósito de cada um deles, dissertar sobre vários modelos. Dedicava ainda algumas páginas ao que designava como “meios úteis”²⁵.

Ao organizar o seu pensamento deste modo, Le Corbusier seguiu um modelo já utilizado por autores como Camillo Sitte, Hermann Josef Stübben ou Raymond Unwin – modelo segundo o qual o desenho urbano era equacionado como conjunto ordenado de *constituintes*. A cidade era dissecada em temas e a sua concepção enunciada de acordo com a lista dos constituintes usados para a desenhar: ruas, praças, elementos separadores de propriedade, implantação dos edifícios, vegetação, etc. Le Corbusier, seguindo esta tradição “tratadística”, pretendia enunciar em *La Construction des Villes* os elementos que, do seu ponto de vista, deviam ser considerados para analisar ou desenhar cidade. De acordo com os índices revelados por Emery, Le Corbusier pretendia referir-se aos seguintes “elementos constituintes”:

²³ Alvarez cita Laugier, apesar de evidenciar que Le Corbusier se apropriou da expressão de um modo particular resumindo-a a “Caos, tumulto no conjunto; Uniformidade no detalhe” *Ibidem*, pp.349-350.

²⁴ O termo “Construction des Villes” utilizado por Le Corbusier parece derivar directamente de termos como “Städtebau”, utilizado por Camillo Sitte no título do livro *Der Städtebau nach Seinen Künstlerischen Grundsätzen* (Construção das Cidades segundo os seus Princípios Artísticos), ou “Städtebau”, utilizado por Hermann Josef Stübben no título da revista *Der Städtebau* (A Construção das Cidades) que edita a partir de 1907. Na época, o termo “urbanismo”, surgido em França em 1910, não era ainda de uso corrente. Ver: EMERY, Marc Albert, *La construction des villes*, pp. 12, 17-18.

²⁵ Nas várias versões de 1910, Le Corbusier previa ainda uma segunda parte na qual aplicaria os princípios enunciados e discutidos na primeira parte ao caso concreto da sua cidade natal: Chaux-de-Fonds. Esta estrutura caracteriza também o livro *Urbanisme* de 1925, sendo o modelo teórico a *Ville Contemporaine*, o caso concreto a cidade de Paris, e a aplicação o *Plan Voisin*. Ver: *Ibidem*, pp.28-29.

parcelamento, ruas, praças, muros de vedação, pontes, cemitérios, árvores, jardins e parques e, por fim, “cidades-jardim”²⁶.

No que respeita especificamente ao “verde”, constatámos que ele surgia, na versão de 1910, associado aos itens: ruas, praças, cemitérios, árvores, parques e jardins, e cidades-jardim. Contudo, segundo Emery, Le Corbusier nunca chegara a escrever sobre todos estes temas, tendo-se limitado, no que respeita às árvores, aos jardins e aos parques, a registar a intenção de o fazer no índice²⁷.

ILAÇÕES A PARTIR DE SCHNOOR

Como referimos, em 2008 Schnoor publica o livro *La Construction des villes: Le Corbusier's erstes städtebauliches Traktat von 1910/1911*. A importância deste livro é relativa a vários aspectos. Ele tem um papel fundamental no desenvolvimento das duas linhas de investigação que acabámos de enunciar – o interesse de Le Corbusier pelo “verde” e a ideia de “elementos constituintes” da cidade. Os dados fornecidos por Schnoor em 2008 permitiram, quer avançar no esclarecimento de ambos os temas, quer articulá-los entre si.

Como já afirmámos, a investigação de Schnoor incidiu sobre o “período alemão” de 1910/1911 – um período quase desconhecido, já que Malécot, González e Alvarez se referiram sempre à investigação desenvolvida por Le Corbusier durante a *Voyage d'Orient* em 1911 (patente sobretudo em desenhos) e na Bibliothèque Nationale de Paris em 1915 (testemunhada por desenhos e notas).

Schnoor deu a conhecer todo o material arquivado por Le Corbusier em torno dos temas “árvores” e “jardins e parques”, sobre os quais nunca chegou a produzir textos para *La Construction des Villes*. Da observação do material textual e gráfico que Schnoor organizou e disponibilizou, pudemos concluir que a maior parte da investigação de Le Corbusier sobre estes temas teve como base uma leitura exaustiva, efectuada na biblioteca de Munique, do livro *L'Art des Jardins*, escrito por Georges Riat em 1900. Le Corbusier fez resumos e copiou longos excertos das quatro primeiras partes (de um total de seis) do livro de Riat:

- “A Antiguidade”. Le Corbusier estudou a época das primeiras grandes civilizações (Assíria, Pérsia, Judeia e Egipto, destacando a configuração e o sistema construtivo dos jardins suspensos da Babilónia), “A Grécia” e “Roma”

²⁶ “chésaux, rues, places, murs de clôture, ponts, arbres, jardins et parcs, cimetières, cités-jardins”. *Ibidem*, p. 28.

²⁷ *Ibidem*, pp. 28.

(destacando o sistema regular patente nos jardins de Pompeia e, em particular, das suas *villas*).

- “A Idade Média”. Estudou “França, Itália, Alemanha” recolhendo, em particular, descrições literárias dos Jardins do Paraíso – jardins centrados na ideia de “jardim clos”, o paraíso terrestre. Estudou ainda “Espanha”, debruçando-se sobre os jardins de Alhambra.
- “O Renascimento”. Resumiu a história dos jardins de “Itália” e “França”, dando particular importância aos jardins das *villas* italianas e das *maisons royales* francesas.
- “Século XVII e XVIII. O Jardim Francês”. Para além de um resumo da “Teoria Geral do Jardim Francês”, estudou a evolução dos jardins de Versailles de Le Nôtre, desde 1661 até 1713, e, genericamente, dos jardins regulares em França.

Le Corbusier não completou, portanto, o estudo do livro de Riat, tendo ficado por tratar as duas últimas partes: “Século XVIII. O Jardim Inglês” e “Século XIX. O Género Misto”.

Contudo, Le Corbusier estudou ainda outros três autores – Joseph August Lux, Hermann Muthesius e August Grisebach – no sentido de completar o seu estudo, tratando das temáticas do momento, em publicações recentes. Em *Der Städtebau und die Grundpfeiler der heimischen Bauweise*, livro de Lux de 1908²⁸, encontrou uma classificação tipológica da relação entre cidade e jardins, bem como discussões em torno do arranjo dos jardins públicos “modernos” e dos benefícios da conservação dos parques (o tema da “*Parkpolitik*”). Em *Das Englische Haus: Entwicklung, Bedingungen, Anlage, Aufbau, Einrichtung im Innenraum*, livro de Muthesius de 1904-11²⁹, estudou sobre a importância histórica da relação entre a casa e o jardim, como elementos inseparáveis, e sobre a transição de gosto dos jardins aristocráticos para os jardins modernos ingleses – regulares. Em “Max Läubers Entwürfe zum Hamburger Stadtpark und zum Osterholzer Friedhof bei Bremen”, artigo de Grisebach de 1910³⁰, estudou especificamente a concepção do parque de Hamburgo e do cemitério de Osterholz em Bremen.

Em todos estes autores, Le Corbusier encontrou matéria para uma mesma discussão: a dialéctica “jardim francês”/“jardim inglês”, ou “traçado regular”/“traçado irregular”, na concepção de parques e jardins. Sendo esta discussão própria da época, Le

²⁸ LUX, Joseph August, *Der Städtebau und die Grundpfeiler der heimischen Bauweise – zum Verständnis für die Gebildeten aller Stände, namentlich aber für Stadtverordnete, Baumeister Architekten, Bauherren etc.*, Dresden: Gerhardt Kühtmann, 1908.

²⁹ MUTHESIUS, Hermann, *Das Englische Haus: Entwicklung, Bedingungen, Anlage, Aufbau, Einrichtung und Innenraum*, 3 Bde., Berlin: Ernst Wasmuth, 1904-11.

³⁰ GRISEBACH, August, «Max Läubers Entwürfe zum Hamburger Stadtpark und zum Osterholzer Friedhof bei Bremen», em *Die Kunst – Angewandte Kunst* 22, 1910, pp. 489-503.

Corbusier aproximou-se dos autores que podiam instruir um regresso ao jardim regular, depois da moda dos jardins pitorescos ou do género misto. Mais tarde, para defender este tipo de jardim regular, Le Corbusier viria a citar André Véra, afirmando que este era o jardim adequado a “uma geração que ama e deseja a ordem!”³¹.

Como Schnoor evidencia, era com esta discussão que Le Corbusier iria iniciar o tema dos jardins no seu livro *La Construction des Villes*. Julgamos que, muito provavelmente, assim se poderão entender também as partes do livro de Riat que Le Corbusier escolheu para estudar – precisamente aquelas que diziam respeito ao desenvolvimento dos jardins de traçado regular ao longo da história.

As primeiras implicações da publicação, por Schnoor, do estudo que Le Corbusier desenvolveu na Alemanha, são de carácter historiográfico. O livro de Schnoor constituiu um importante contributo para a reconstrução do percurso da investigação do arquitecto, tornando possível entender a sua sequência temporal *global* desde 1910 até 1915. No que respeita ao tema dos jardins e dos parques, ficou a saber-se que, afinal, não tinha sido na Bibliothèque Nationale de Paris, apenas em 1915, que Le Corbusier iniciara a sua investigação. Esta constatação permitiu lançar um novo olhar, quer sobre a *Voyage d’Orient*, quer sobre a investigação efectuada em Paris.

No que respeita à *Voyage d’Orient* (viagem realizada por Le Corbusier entre Abril e Outubro de 1911, ou seja, entre as duas fases de investigação), torna-se necessário considerar que a análise de campo dos jardins não constituiu mais do que um aprofundamento do conhecimento apurado que o arquitecto já tinha adquirido na Alemanha. Completando o seu conhecimento *bibliográfico* sobre os “elementos constituintes” da cidade, Le Corbusier decidiu viajar para o Oriente, entre outros, com o intuito de *medir* e *registar* os espaços e elementos sobre os quais havia lido. No que respeita especificamente aos jardins, analisou, desde os pátios encerrados das casas sérvias, passando pelos *peristylum* e *xystus* das casas pompeianas (estudou cerca de dez casas, para além da Casa *Salustio* que já conhecia através de Riat), até aos jardins de várias *villas* romanas e renascentistas (*Villa Adriana*, *Villa Medicis* ou *Villa d’Este*, entre outras), terminando com o levantamento dos jardins das células e do claustro da Cartuxa de Ema (que, aquando da sua visita de 1907, não tinha desenhado).

³¹ Ver citação no *Anexo A*, documento B2-20-55 : “une génération qui aime et désire l’ordre!” Extraído de VERA, André, *Le nouveau jardin*, Paris: Émile-Paul, 1911.

No que respeita à investigação na Bibliothèque Nationale de Paris, os dados compilados no livro de Schnoor também permitiram reinterpretá-la. A consideração dos estudos da Alemanha permitiu-nos perceber que, em 1915, Le Corbusier apenas se dedicou a investigações parciais no sentido de *completar* o seu domínio do tema, centrando-se agora:

- na história do “jardim francês” e dos seus tratados (enumera os vários tratados e aprofunda especificamente o estudo da obra de Le Nôtre e do tratado de D’Argenville);
- nos princípios do “jardim inglês”, designadamente no que respeita à apropriação do “jardim chinês” que, entre outros, esteve na sua origem;
- na relação entre casa e jardim (investigação iniciada na Alemanha através da leitura de Muthesius), dedicando-se às Maisons Royales e às casas chinesas e japonesas;
- na evolução histórica da cidade de Paris, dando particular importância ao “verde” (boulevards, jardins e parques).

Le Corbusier tomou ainda algumas notas e fez alguns registos desenhados no sentido de completar o seu conhecimento sobre os jardins de épocas anteriores, já estudados na Alemanha. Pode notar-se que, ao seu conhecimento dos jardins de traçado regular, juntou-se agora uma investigação sobre o tema do “pitoresco” – um objecto de estudo que completou o seu domínio da história e que, mais tarde, iria instruir a dialéctica dos espaços verdes dos seus próprios projectos.

Face a este conjunto de dados, torna-se evidente que as perspectivas sobre a investigação desenvolvida por Le Corbusier que consideraram apenas a *Voyage d’Orient* e a fase da Bibliothèque Nationale de Paris são bastante parciais.

Em primeiro lugar, tomaram a *Voyage d’Orient* como o arranque do interesse de Le Corbusier pelo tema dos jardins quando, na verdade, como vimos, ela já foi uma fase de análise de campo consequente à investigação bibliográfica.

Em segundo lugar, tomaram os temas da investigação desenvolvida na Bibliothèque Nationale de Paris (e o protagonismo que o “jardim francês” nela adquiriu) como o centro dos interesses de Le Corbusier quando, na verdade, essa investigação parece ter tido a

ver, por um lado, com a oportunidade de acesso directo às fontes (designadamente àquelas que eram referidas por Riat³²) e, por outro, com o colmatar das lacunas do “período alemão”.

Em terceiro lugar, elas são omissas em relação a um dos principais componentes da investigação de Le Corbusier: os apontamentos escritos que foram sendo *ordenadamente* realizados (com o eventual intuito de integrarem o conteúdo de *La Construction des Villes*). Os desenhos eram sobretudo ilustrações para um texto e observá-los sem esse texto limita as possibilidades da sua leitura. Neste sentido, o livro de Schnoor permitiu colocar uma questão que ultrapassa a “reconstituição histórica dos factos” e que é, também, de natureza de *metodologia* historiográfica. Ao ter centrado a sua análise em apontamentos *escritos* de Le Corbusier, Schnoor foi capaz de dominar de um modo mais completo a diversidade de fontes a que o arquitecto recorreu nessa época (contrastando, por exemplo, com Malécot, que se limitou a considerar os casos que Le Corbusier optou por registar em desenho).

Para além das questões históricas e historiográficas relativas ao percurso de investigação de Le Corbusier sobre a história dos jardins, o livro de Schnoor abriu ainda uma nova perspectiva sobre a importância que o arquitecto atribuíra a esse verde enquanto um dos “elementos constituintes” da cidade. Se a publicação de Emery já nos permitia saber que, em 1910, Le Corbusier tinha a intenção de escrever sobre os jardins e os parques como “elementos constituintes” da cidade, o livro de Schnoor permitiu-nos tomar contacto com os conteúdos que iriam instruir essa escrita.

Lendo (através de Schnoor) aquilo que Le Corbusier escreveu ou registou sobre os vários “elementos constituintes” da cidade, foi-nos possível construir uma ideia global sobre o entendimento do “verde” urbano que o arquitecto começava a montar (e que, mais tarde, irá ser ensaiada nos seus próprios projectos). O “verde”, para além de ser objecto de investigação histórica em si mesmo, é equacionado por Le Corbusier no que respeita aos vários enquadramentos que pode adquirir na cidade. O arquitecto problematiza a introdução do “verde”, desde a escala da inserção da árvore nos diversos espaços urbanos (rua, praça, etc.), até à escala da inserção dos grandes espaços verdes (jardins e parques) na estrutura geral da cidade, passando pela escala intermédia da articulação entre a casa e o jardim, ou entre o jardim privado e o “verde” público. Deste modo, Le Corbusier articula a questão mais conceptual do “verde na cidade” e a sua resolução técnica ao nível do desenho urbano.

³² Por exemplo, o livro de Jacques Androuet du Cerceau, *Les plus excellents bastimens de France* (1957); o tratado de Antoine-Joseph Dezallier d'Argenville, *La théorie et la pratique du jardinage...* (1709); assim como, o Cabinet des Estampes de la Bibliothèque Nationale, por diversas vezes referido por Riat.

Tornou-se assim evidente que a autonomia do desenho do “verde” tem de ser relativizada em função do papel que esse “verde” cumpre na sua inter-acção com os restantes “elementos constituintes” da cidade – constatação que está no centro da tese que defendemos. Este facto veio a tornar-se particularmente claro quando Le Corbusier começou a propor os seus próprios projectos urbanos. Então, a história dos jardins serviu como *referência* e não como *modelo*: o arquitecto não se informou sobre jardins apenas para desenhar novos jardins, mas antes para retirar do seu estudo um conhecimento que lhe permitisse reequacionar a própria participação do “verde” na cidade, ao mesmo tempo que reequacionava a rua, a praça, a habitação, os serviços, os equipamentos, etc.

ARQUIVO B2-20: OS JARDINS E OS PARQUES

O livro de Schnoor tornou evidente que, tão ou mais importante como os textos que Le Corbusier produziu com vista à publicação de *La Construction des Villes* (em parte compilados por Emery), é o conjunto de documentos que testemunham a investigação efectuada para os sustentar. Face a esta constatação, tornou-se evidente a falta que poderia fazer uma investigação tão apurada como a de Schnoor (sobre o “período alemão”) que incidisse sobre o “período parisiense”. Nunca foi nosso objectivo fazê-la. Contudo, para o desenvolvimento da nossa investigação, tornou-se essencial analisar o conteúdo do material existente na Fondation Le Corbusier relativo a esta matéria.

O material respeitante à investigação produzida por Le Corbusier com vista à escrita de *La Construction des Villes* encontra-se no arquivo B2-20. Trata-se de um conjunto vasto de: textos produzidos para o livro, anotações (designadamente fichas de leitura e de consulta) e desenhos. Os documentos encontram-se organizados por grupos, entre os quais “documentos consultados na B.N.”, “desenhos” e “fichas”³³ – os três grupos aonde fomos recolher o material que instruiu a nossa investigação.

O critério de escolha que nos orientou teve a ver com o tema dos jardins *per se*, mas também com os contextos nos quais Le Corbusier os considerou, pelo que estendemos a investigação designadamente ao tema da sua inserção na cidade. Já referimos atrás que Le Corbusier se centrou na história do “jardim francês” e dos seus tratados, nos princípios do “jardim inglês”, na relação entre casa e jardim, e nos jardins ao longo da história da cidade de Paris. São estes os temas tratados no material que compilámos e organizámos no *Anexo A* desta dissertação (exceptuando o último, que trataremos apenas no *Anexo B*), juntamente com toda a

³³ “Documents consultés à la B.N.”, “Croquis” e “Fiches”.

documentação compilada por Schnoor. Não vamos estender-nos agora sobre a constituição desse anexo, mas importa referir que ele pretende, por um lado, propor uma sistematização dos dados referentes à investigação de Le Corbusier sobre jardins e parques (completando a sistematização proposta por Schnoor) e, por outro, demonstrar a importância desta matéria no *pensamento* do arquitecto e, em particular, sobre a importância do domínio dos respectivos *sistemas de composição e representação*. Entendemos que, assim, podemos lançar as bases (e dar os passos que a sistematização em si já contém) para uma investigação que, centrando-se neste tema, possa adquirir um maior grau de profundidade e rigor. Acreditamos que este material pode dar origem a uma investigação autónoma.

ARQUIVO B2-20: PARIS

Na nossa investigação no arquivo B2-20, centrada no estudo de Le Corbusier sobre os jardins e os parques enquanto “elementos constituintes” da cidade, deparámo-nos com a atenção dada à cidade de Paris. O estudo da cidade teve uma importância especial no percurso de pensamento do arquitecto. A partir de 1915, ou a partir da investigação desenvolvida na Bibliothèque Nationale de Paris, Le Corbusier passou a usar a cidade como referência, quer para olhar para o passado, quer para imaginar o futuro.

Este dado histórico foi já amplamente identificado por um autor ao qual ainda não nos referimos: Philippe Duboy. Foi este autor quem mais se aproximou do tema da cultura urbanística de Le Corbusier tomando como referência a sua investigação na Bibliothèque Nationale de Paris, bem como *a importância da própria cidade de Paris como objecto de estudo*. Em 1979, Duboy publicou o pequeno artigo “Ch. E. Jeanneret à la Bibliothèque Nationale Paris 1915”³⁴. Mais tarde, em 1985, Duboy publicou *Architecture de la Ville: Culture et Triomphe de l’urbanisme. Ch. E. Jeanneret “La construction des villes” Bibliothèque Nationale de Paris, 1915*³⁵ – um extenso relatório para o Ministério da Urbanística francês, onde catalogava as fichas de leitura e esboços de Le Corbusier, elaborados na Bibliothèque Nationale, e comparava o tipo de obra que o arquitecto pretendeu produzir com as de duas figuras do início do século XX: Patrick Geddes e Marcel Poète³⁶. Esta recolha deu ainda origem a um artigo publicado na revista *Casabella* em 1987: “L.C.B.N. 1915”³⁷. Neste artigo, que resumia a investigação patente no

³⁴ DUBOY, Philippe, “Ch. E. Jeanneret à la Bibliothèque Nationale Paris 1915”, em *Architecture Mouvement Continuité*, n. 49, Set. 1979, pp. 9-12.

³⁵ DUBOY, Philippe, *Architecture de la ville: culture et triomphe de l’urbanisme. Ch.E.Jeanneret «La construction des villes» Bibliothèque Nationale de Paris, 1915*, Paris: Bra, 1985.

³⁶ Marcel Poète é um dos autores estudados por Le Corbusier. Ver documento bibliográfico B2-20-414.

³⁷ DUBOY, Philippe, “L.C.B.N. 1915”, em *Casabella* n.531/532, Gennaio-Febraio 1987, pp. 94-103.

relatório, Duboy mostrou ainda os desenhos de Le Corbusier sobre o trabalho urbano de Pierre Patte para Paris.

Trata-se de uma produção fundamental para o actual conhecimento da obra de Le Corbusier mas, dada a especificidade dos seus objectivos, Duboy não se dedicou a dar notícia da investigação desenvolvida pelo arquitecto na biblioteca *no seu todo*³⁸. Referiu-se, genericamente, à importância do estudo da evolução histórica de Paris para o pensamento de Le Corbusier (no sentido de defender a importância da cultura histórica para Le Corbusier em particular, e para os arquitectos em geral) e ilustrou-a especificamente com o estudo do livro *Monumens érigés en France à la gloire de Louis XV*, de Patte³⁹.

A estratégia de recolha de material no arquivo B2-20 que adoptámos para analisar o estudo desenvolvido por Le Corbusier sobre Paris foi diferente daquela que adoptámos para analisar o estudo da história dos jardins e dos parques. No que se refere ao “verde”, seleccionámos o material que lhe dizia directamente respeito excluindo contudo os exemplos que não eram relevantes enquanto referências para a concepção da *Ville Verte* (o “verde” nas praças, o modelo da cidade jardim já investigado por Emery ou Schnoor,...). No que respeita a Paris, a estratégia foi outra: colecionámos toda a documentação produzida por Le Corbusier (exceptuando apenas Patte, já amplamente publicado) e é possível olhar para essas fontes para, nelas, considerar qualquer dos “elementos constituintes” da cidade. Fomos, assim, ao encontro da própria estratégia de investigação de Le Corbusier: primeiro estudou cada constituinte considerando vários contextos geográficos e históricos; depois usou a história de Paris como narrativa de inter-relação desses mesmos constituintes. (Esta estrutura veio a reflectir-se em publicações como, por exemplo, *Urbanisme* – livro no qual Le Corbusier começou por lançar os temas fundamentais do urbanismo para, depois, apresentar uma proposta-síntese e a sua aplicação a Paris.)

Neste sentido, o *Anexo B* da dissertação é constituído pela sequência dos 17 planos para Paris estudados por Le Corbusier, desde 1552 até 1790, ou seja, desde o plano Truchet até ao plano de Verniquet, bem como pelos próprios documentos que testemunham o estudo efectuado (que, pontualmente remetem para um tempo anterior aos desses planos). Interessou-lhe o modo como a cidade crescera, ocupando novos territórios, e interessou-lhe também o grau de detalhe com que a cidade havia sido ordenada e desenhada. Apesar de Le

³⁸ No âmbito da nossa investigação, não tivemos acesso ao relatório produzido por Duboy para o Ministério da Urbanística. Neste sentido, tecemos considerações que têm como base os textos publicados do autor.

³⁹ PATTE, Pierre, *Monumens érigés en France à la gloire de Louis XV*, Bibliothèque de l'Institut National d'Histoire de l'Art, 1765.

Corbusier ter usado uma parte destes desenhos em textos da sua autoria, trata-se de uma recolha que nunca chegou a ser globalmente publicada por nenhum investigador.

De novo, não temos a pretensão de retirar as conclusões a que este material poderá levar se a tarefa de o analisar for cumprida de modo autónomo e, assim, mais detalhado – tarefa que extravasa o âmbito da nossa investigação. O material que apresentamos no *Anexo B* pretende apenas demonstrar que, também no que respeita à investigação desenvolvida na Bibliothèque Nationale de Paris em torno da própria cidade, Le Corbusier organizou o seu pensamento com base na inter-relação entre os seus vários “elementos constituintes” – tema da interpretação verbal e desenhada dos vários planos. Interessa ainda realçar que, também no âmbito do estudo de Paris, é possível verificar a importância atribuída ao tema do “verde” (boulevards, jardins e parques).

ARQUIVO B2-20: HÉNARD

Foi no âmbito da nossa investigação sobre o estudo que Le Corbusier desenvolveu em torno da cidade de Paris que descobrimos que o arquivo B2-20 continha documentação que testemunha a atenção dada pelo arquitecto aos fascículos *Études sur les transformations de Paris* (1903-1909) de Eugène Hénard, entre outros dos seus estudos.

A importância de Hénard como referência para o pensamento urbanístico de Le Corbusier tem sido apontada por vários autores. Segundo Stanislaus von Moss⁴⁰, Peter Serenyi teria sido o primeiro a fazê-lo, no artigo “Who was Le Corbusier?”⁴¹, em 1971, tomando como referência o livro de Peter Wolf *Eugène Hénard and the beginning of urbanism in Paris, 1900-1914*⁴², publicado em 1968. Em 1982, Jean-Louis Cohen escreve um prefácio para a re-edição de *Études sur les transformations de Paris*⁴³ – o livro de Hénard onde se encontram reunidos, não apenas os fascículos homónimos, mas também alguns outros textos. Ainda que a propósito de Hénard, Cohen referiu-se, já nesse prefácio, à importância do arquitecto parisiense para Le Corbusier e à pesquisa deste na Bibliothèque Nationale. Em 1987, Cohen publicou ainda “Sulle tracce di Hénard”⁴⁴, no mesmo número da revista *Casabella* em que Duboy publicou “L.C.B.N. 1915”, centrando-se, desta vez, na produção de Le Corbusier.

⁴⁰ Ver VON MOOS, Stanislaus, *Le Corbusier: Elements of a Synthesis*, Rotterdam: 010 Publishers, 2009.

⁴¹ SERENYI, Peter, “Who was Le Corbusier?”, em *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 30, n.º3, 1971, pp. 255-259.

⁴² WOLF, Peter M., *Eugène Hénard and the Beginnings of Urbanism in Paris, 1900-1914*, International Federation for Housing and planning, Centre de recherché d'urbanisme, 1968.

⁴³ HÉNARD, Eugène, (Ed. Jean-Louis COHEN), *Études sur les transformations de Paris et autres écrits sur l'urbanisme*, 2nd ed. (1st ed. 1903-1910), Paris: L'Equerre, 1982.

⁴⁴ COHEN, Jean-Louis, “Sulle tracce di Hénard”, em *Casabella*, n.531/532, Gennaio-Febbraio 1987, pp. 34-41.

Estes dois textos de Cohen tiveram um papel importante no decurso da nossa investigação. Tendo conhecimento do material produzido para *La Construction des Villes*, Cohen reconheceu a importância que teve o estudo que Le Corbusier levava a cabo sobre o desenvolvimento da cidade de Paris “pós-Haussmann” (ou seja, a partir de 1870) e, em particular, sobre as propostas do início do século XX de Hénard. Segundo Cohen, esta fase da história da cidade teria sido fundamental para Le Corbusier como objecto de estudo, tendo-se repercutido nos seus projectos a partir de 1920. Cohen afirma que:

os “Estudos” viram a sua presença impor-se nos projectos urbanos formulados com a assinatura de Le Corbusier ao longo dos anos vinte: a ideia de “redans”, retomada desde 1905 por Tony Garnier no seu projecto para o concurso de habitação a baixo custo da Fondation Rothschild, é desenvolvida desde a “Ville contemporaine” de 1922. E a análise do “Plan Voisin” de Paris, apresentado em 1925, revela a combinação engendrada por Le Corbusier entre dois fantasmas autenticamente hénardianos: a “Nouvelle Grande Croisée de Paris” à qual Le Corbusier vai buscar a ideia da grande via de atravessamento este-oeste que se encontra em todos os seus projectos para Paris entre as duas guerras, e a rua sobre-elevada à qual adere integralmente.⁴⁵

A seguir a estas constatações, Cohen interrogou-se ainda sobre a eventual influência que Hénard pudesse ter tido no pensamento de Le Corbusier sobre a “circulação das cidades modernas” (usamos o termo de Hénard) e sobre o binómio rua/casa:

O tema da classificação das circulações e dos arruamentos, que mais tarde aparecerá no pensamento de Le Corbusier, não será igualmente um eco longínquo das teses de Hénard? É sem dúvida arriscado afirmá-lo mas, em contrapartida, é certo que a rigorosa divisão introduzida por Hénard entre “a rua e a casa, os elementos constituintes e primordiais da cidade” na mesma altura em que lhe quebra o alinhamento, produzirá efeitos prolongados no trabalho de Le Corbusier, como provavelmente no de outros teóricos da cidade do Movimento

⁴⁵ “les “Etudes” voient leur présence s'imposer dans les projets urbains formulés sous la signature de Le Corbusier au cours des années vingt: l'idée des “redans”, reprise dès 1905 par Tony Garnier dans son projet pour le concours des habitations bon marché de la Fondation Rothschild, est développée dès la « Ville contemporaine » de 1922. Et l'analyse du « Plan Voisin » de Paris, présenté en 1925, révèle la combinaison opérée par Le Corbusier de deux phantasmes authentiquement hénardiens: la « Nouvelle Grande Croisée de Paris », à laquelle Le Corbusier emprunte l'idée de la grande voie traversant est-ouest que l'on retrouvera dans tous ses projets pour Paris dans l'entre-deux-guerres, et la rue surélevée qu'il endosse intégralement.” HÉNARD, Eugène, (Ed. Jean-Louis COHEN), *Etudes sur les transformations de Paris ...*, pp. XIV-XV.

moderno, como Ludwing Hilberseimer, cuja “Hochhausstadt” de 1927 parece-se, em vários aspectos⁴⁶, com a “ville future”⁴⁷ imaginada por Hénard em 1910.⁴⁸

A análise que efectuámos das fichas e registos que se encontram no arquivo B2-20 comprovaram a teoria de Cohen. Ela permitiu-nos concluir que a afirmação relativa à classificação das vias que Cohen hesita em fazer não é arriscada e que, pelo contrário, pode ser documentalmente comprovada: como se verá, os documentos B2-20-122 e B2-20-123 provam que Le Corbusier leu os fascículos 6 e 7 dos *Études sur les transformations de Paris* – os fascículos nos quais Hénard estabeleceu as bases para a análise da circulação e a classificação do movimento dos veículos e transeuntes na cidade e nas ruas. Um outro documento – B2-20-56 – comprova ainda que Le Corbusier tomou notas sobre a conferência “Les Villes de l’Avenir”, tendo substituído a sua designação por “cité future”⁴⁹.

A documentação do arquivo B2-20 permitiu-nos inclusive observar em detalhe o modo como Le Corbusier conduziu a sua investigação sobre os estudos de Hénard – investigação subjacente à teoria de Cohen, mas nunca tomada como objecto de estudo, e de publicação, *per se*.

Uma vez mais, não iremos desenvolver uma análise exaustiva desse material, retirando dele todo conhecimento histórico que ele permitiria. Contudo, desenvolvemos um trabalho de compilação que apresentamos no *Anexo C*. De certo modo, ele completa a sequência histórica à qual se refere o *Anexo B*. Entre o plano Verniquet, de 1790 (com o qual termina o *Anexo B*), e as transformações de Paris efectuadas sob a direcção de Haussmann que teve início na década de 1860, já analisadas por Hénard (*Anexo C*), existe apenas um hiato correspondente ao período de agitação política que se sucedera à Revolução Francesa durante o qual os planos e as transformações urbanas foram pouco relevantes. Entre os “antigos planos de Paris” estudados na Bibliothèque Nationale (*Anexo B*) e as transformações que tiveram início com a haussmannização estudadas através de Hénard (*Anexo C*), Le Corbusier estudou a história urbana da cidade *na sua continuidade*.

Verificou-se contudo uma diferença entre a abordagem de uma e de outra épocas. Quando estudou os “antigos planos de Paris”, Le Corbusier separou, ele próprio, os vários

⁴⁶ No original, Cohen utiliza a expressão francesa “par plus d’un trait” que, traduzida à letra, corresponderia a “por mais do que um traço”.

⁴⁷ Julgamos que Cohen se refere ao artigo de Hénard “Les Villes de l’Avenir” no qual é apresentada a proposta da *Rue future*.

⁴⁸ “Le thème du classement des circulations et des voiries, qui apparaîtra plus tard dans la réflexion de Le Corbusier, ne serait-il pas également un lointain écho des thèses d’Hénard ? Il est sans doute hasardeux de l’affirmer, mais il est en revanche certaine que la stricte division introduite par Hénard entre “la rue et la maison, ces éléments constitutifs et primordiaux de la cité” lorsqu’il en casse l’alignement, produira des effets extensifs dans le travail de Le Corbusier, comme d’ailleurs probablement dans celui d’autres théoriciens de la ville du Mouvement moderne, tel Ludwing Hilberseimer, dont la “Hochhausstadt” de 1927 ressemble par plus d’un trait à la “ville future” imaginée par Hénard en 1910”, *Ibidem* p. XV.

⁴⁹ Ver: Anexo C, documento B2-20-56.

constituintes da cidade para poder analisá-los de modo autónomo. Pelo contrário, quando estudou a transformação de Paris através do estudo já efectuado por Hénard, essa separação já estava feita: seguindo a tradição da época (comum também a Sitte e a Unwin, por exemplo), Hénard já tinha produzido análises históricas e propostas para o futuro nas quais tratava autonomamente os vários constituintes do espaço público. Esses temas podem ser encontrados na obra de Hénard, tratados nos seus textos seguintes (indicamos também os documentos nos quais Le Corbusier os estudou e que se encontram no *Anexo C*):

a *rua e o problema da circulação* (veículos, peões, cruzamentos, etc.) – tema tratado em:

- *Etude sur une application du transport de la force par l'électricité : projet de train continu (système breveté s.g.d.g.) pour l'Exposition Universelle de 1889, destinée à obtenir la suppression et la fatigue des visiteurs* (1887)⁵⁰ – documento B2-20-128;
- “Fascicule 1, projet de prolongement de la rue de Rennes avec pont n X sur la Seine” (1903)⁵¹ – citado no documento B2-20-125;
- “Fascicule 5, la Percée Palais-Royal – La nouvelle Grande Croisée de Paris” (1904)⁵² – documento B2-20-123;
- “Fascicule 6, la Circulation dans les villes modernes; l'automobilisme et les voies rayonnantes de Paris” de (1905)⁵³ – documento B2-20-122;
- “Fascicule 7, les voitures et les passantes, carrefours librés et carrefours à giration” (1906)⁵⁴ – documento B2-20-123 e citado no documento B2-20-125.

o *“verde”* (rua arborizada, jardins e parques) – tema tratado em:

- “Fascicule 2, Les alignements brisés. La question des Fortifications et le boulevard de Grande-Ceinture” (1903)⁵⁵ – documento B2-20-125;
- *Les Espaces libres et les fortifications, le projet Dausset et le projet du Musée social* (1909)⁵⁶ – só conhecemos uma ficha de requisição da biblioteca B2-20-416.

as *praças públicas* – tema tratado em:

⁵⁰ HÉNARD, Eugène, *Etude sur une application du transport de la force par l'électricité: projet de train continu (système breveté s.g.d.g.) pour l'Exposition Universelle de 1889, destinée à obtenir la suppression et la fatigue des visiteurs*, Paris, 1987.

⁵¹ HÉNARD, Eugène, *Etudes sur les transformations de Paris, fascicule 1, projet de prolongement de la rue de Rennes avec pont en X sur la Seine*, Paris: Librairie Centrale d'Architecture, 1903.

⁵² *Idem*, *fascicule 5, la Percée Palais-Royal-La nouvelle Grande Croisée de Paris*, Paris: Librairie Centrale d'Architecture, 1904.

⁵³ *Idem*, *fascicule 6, la Circulation dans les villes modernes; l'automobilisme et les voies rayonnantes de Paris*, Paris: Librairie Centrale d'Architecture, 1905.

⁵⁴ *Idem*, *fascicule 7, les voitures et les passantes, carrefours librés et carrefours à giration*, Paris: Librairie Centrale d'Architecture, 1906.

⁵⁵ *Idem*, *fascicule 2, Les alignements brisés. La question des Fortifications et le boulevard de Grande-Ceinture*, Paris: Librairie Centrale d'Architecture, 1903.

⁵⁶ HÉNARD, Eugène, *Les espaces libres et les fortifications, le projet Dausset et le projet du Musée social*, Paris 1909.

- “Fascicule 8, Les places publiques, La Place de l’Opera. Les trois Colonnes” (1909)⁵⁷ – documento B2-20-124;

os *monumentos* – tema tratado em:

- Rapport à la Commission des perspectives monumentales de la ville de Paris (1911)⁵⁸ – documentos B-20-70, B2-20-120 e B2-20-121;

e, mais tarde, o *binómio rua/casa*⁵⁹ – tema tratado em:

- “Les Villes de l’Avenir” (uma conferência de 1911)⁶⁰ – documento B2-20-56.

Estranhamente, não encontramos qualquer referência ao estudo de um fascículo que, aparentemente, poderia ter sido fundamental para Le Corbusier: o “Fascicule 3, Les Grands espaces libres, les parcs et jardins de Paris et de Londres” (1903)⁶¹. Foi aqui que Hénard narrou a evolução dos parques e jardins de Paris e avançou para um sistema mais global de espaços verdes, enquadrando as propostas que antes apresentara, no “Fascicule 2” (uma das quais era o *Boulevard a Redans*). Foi justamente nesse “Fascicule 3...” que Hénard escreveu:

Nada poderá substituir um sistema geral de grandes parques convenientemente distribuídos, aonde todo o habitante – homem, mulher ou criança – possa chegar a pé, sem custos, sem cansaço e sem perder tempo, para lá encontrar um pouco de natureza com sol, uma atmosfera limpa e árvores.⁶²

Estas poderiam ser palavras de Le Corbusier. “Sol, espaço e verde” – os atributos que reivindica para o “verde” urbano da *Ville Verte* – já se encontravam aqui evocados por Hénard para reivindicar o aumento das superfícies de parques na cidade de Paris.

⁵⁷ HÉNARD, Eugène, *Etudes sur les transformations de Paris, fascicule 8, Les places publiques. La Place de l’Opera. Les trois Colonnes*, Paris: Librairie Centrale d’Architecture, 1909.

⁵⁸ HÉNARD, Eugène, *Rapport à la Commission des perspectives monumentales de la ville de Paris*, Paris, 1911.

⁵⁹ Não seguimos exactamente os temas identificados por Cohen, que afirmou que “as análises e propostas de Hénard tendem a dissociar os problemas do ordenamento de Paris em três grupos de questões, tratando, por um lado, da circulação e das vias, por outro, dos espaços livres e, por fim, da construção propriamente dita”. “Les analyses et les propositions d’Hénard tendent à dissocier les problèmes de l’aménagement de Paris en trois groupes de questions, ayant trait d’une part à la circulation et à la voie, d’autre part aux espaces libres et enfin à la construction à proprement parler.”, em HÉNARD, Eugène, (Ed. Jean-Louis COHEN), *Etudes sur les transformations de Paris et autres écrits sur l’urbanisme*, p. X.

⁶⁰ HÉNARD, Eugène, “Les Villes de l’Avenir”, em *Transactions of the Town Planning Conference*, London 10-15 Octobre 1910, London 1911, pp.345-357.

⁶¹ HÉNARD, Eugène, *Etudes sur les transformations de Paris, fascicule 3, Les Grands espaces libres, les parcs et jardins de Paris et de Londres*, Paris: Librairie Centrale d’Architecture, 1903.

⁶² “Rien ne pourra remplacer un système général de grands parcs convenablement répartis, où tout habitant, homme, femme ou enfant, puisse se rendre à pied, sans frais, sans fatigue et sans perte de temps, pour y trouver un morceau de nature avec du soleil, une atmosphère épurée et des arbres.” HÉNARD, Eugène, “Les Grands espaces libres. Les Parcs et jardins de Paris et de Londres”, em *Etudes sur les transformations de Paris* ..., p. 88.

O estudo efectuado por Le Corbusier sobre as propostas de Hénard e sobre o conhecimento histórico que as instruíra teve uma importância particular para a nossa investigação na medida em que ele se viria a reflectir de modo directo na sequência de propostas que culminou na *Ville Verte*, como veremos a seguir.